

**AS PERSPECTIVAS DAS JUVENTUDES AUTISTAS SOBRE O LAZER:  
UMA REVISÃO INTEGRATIVA****Recebido em:** 11/09/2024**Aprovado em:** 06/02/2025**Licença:** *Jéssica Luisy Diniz Camilozi<sup>1</sup>*

Universidade Líbano (FL)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0009-0006-5802-3936>

Ana Cláudia Porfírio Couto

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3457-0987>

**RESUMO:** Este estudo teve como finalidade identificar as perspectivas das juventudes autistas sobre o lazer. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa qualitativa e exploratória, nas bases de dados: SciELO, CAPES, PePsic e BVS. Os descritores utilizados foram: (Autismo OR “Transtorno do Espectro Autista” OR TEA) AND (Lazer). Na CAPES também foi utilizado: Autismo + Lazer. Após a seleção e a organização a partir de critérios de inclusão e exclusão pré-definidos, o corpus foi constituído por 2 artigos, todos encontrados no portal BVS. Os estudos abordavam os benefícios do lazer para intervenções multiprofissionais, apresentando uma visão do lazer como controle social que desconsidera a reelaboração de valores capacitistas e psicofóbicos, objetivando uma reforma da sociedade em direção à aceitação do paradigma da neurodiversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer. Autismo. Juventudes.

**THE PROSPECTS OF THE AUTISTIC YOUTH REGARDING LEISURE: NA INTEGRATIVE REVIEW**

**ABSTRACT:** This survey aims to identify the prospects of the autistic youth regarding leisure. For this purpose, it was carried out a qualitative and exploratory integrative review on the database: SciELO, CAPES, PePsic and BVS. The descriptors used were: (Autism OR Autism Spectrum Disorder OR ASD) and (Leisure). On the CAPES database was also used: Autism + Leisure. After the selection and organization based on pre-defined inclusion and exclusion criteria, the corpus was constituted by 2 articles,

<sup>1</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (BH) (2023). Pós-graduada em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e em Neuropsicologia. Tem experiência na área de psicologia com ênfase em psicologias cognitivo-comportamentais, sociodrama/psicodrama e avaliação (neuro)psicológica. Coordenadora do Grupo de Estudos Neurodiversidade. Mediadora do grupo de apoio para adultos autistas: Suportea- Suporte ao Espectro Autista.

all of them found on the BVS database. The studies approached the benefits of leisure for multidisciplinary interventions, introducing a perspective of leisure as a social control that disregards de re-elaboration of ableist and psychophobic values, aiming a social renovation towards the acceptance of the neurodiversity paradigm.

**KEYWORDS:** Leisure. Autism. Youth.

## Introdução

O lazer, segundo Gomes (2023), teve origem semântica no termo *licere*, do latim, significando poder e permissão. De forma semelhante, veio da palavra *lezer*, do século XIII, significando a falta do querer trabalhar. Alguns autores defendem o surgimento do lazer na Antiguidade greco-romana e outros nas sociedades urban-industriais mercantilistas capitalistas, especialmente após a Revolução Industrial Inglesa. Geralmente, as concepções do que seria o início do lazer desconsideram as continuidades e descontinuidades das construções, reconstruções e desconstruções de conhecimentos e práticas em seus aspectos contextuais.

Quanto ao que é esse conceito supradescrito, não há consenso e várias teorias tentam explicá-lo ao seu modo. As teorias mais estudadas são: lazer como ocupação do tempo livre, como tempo livre das obrigações, como experiência subjetiva e como cultura e necessidade humana. Nos estudos brasileiros, a concepção de lazer como dimensão da cultura e necessidade humana, prevalece em relação a outros países. Nessa perspectiva, o lazer é compreendido em sua historicidade, em suas dinâmicas narrativas mutáveis e localizadas e em seu potencial lúdico no tempo/espaço social. O lúdico permite sentir, criar, elaborar, aprender e expressar sentidos culturais. A ludicidade transforma a si mesma, permitindo às pessoas a transformarem-se nas relações que estabelecem e modificarem ou ressignificarem o mundo. O movimento lúdico é reflexivo, é crítico, é político (Gomes, 2023). No lazer, por conseguinte, formamos e

reformamos quem somos, quem queremos ser, estar e apresentar. Não obstante, nem sempre o potencial lúdico do lazer é atingido e, se atingido, pode exacerbar afetos e ações desagradáveis para quem o experienciou. Como todas as dimensões da vida humana, pode ser conformista, gerar carência, raiva, tristeza e solidão. Ainda mais nas sociedades contemporâneas, nas quais o lucro vem antes da pessoa e dos seus desejos.

O autismo, Transtorno do Espectro Autista ou TEA é caracterizado por apresentar déficits significativos na comunicação social e padrões de comportamentos restritos e repetitivos, com manifestação precoce, causando prejuízos em diversos contextos e áreas da vida. Nessa seara, os déficits não são melhor explicados por outra condição e há alta prevalência genética. Jovens com menos de 18 anos podem apresentar quadros de agressividade e regredirem em seu desenvolvimento, conquanto, a maior parte consegue ampliar seu repertório sócio-comportamental. Isso não significa que a maior parte dos autistas será independente. Pelo contrário, grande parte, embasando-se no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais<sup>2</sup>, precisará de ajuda para manter-se em suas atividades de vida diária e sustentar-se financeiramente. Da mesma forma, o espectro ressalta a noção de diversidade nos modos de ser, estar e apresentar-se autista. Nesse espectro, encontra-se os níveis 1: precisa de suporte, 2: precisa de suporte substancial e 3: precisa de suporte muito substancial.

No nível 1, a pessoa autista apresenta dificuldades perceptíveis de comunicação social na ausência de ajuda. Quanto aos comportamentos, atividades e interesses restritos e repetitivos, esses causam prejuízos em um ou mais contextos e afetam a independência.

---

<sup>2</sup> 5<sup>a</sup> edição com o texto revisado.

No nível 2, há dificuldades substanciais e perceptíveis na comunicação verbal e não verbal e na reciprocidade socioafetiva. Em relação aos padrões de comportamentos, atividades ou interesses restritos e repetitivos; esses causam prejuízos em diversos contextos. São frequentes e aparentes.

No nível 3, quanto à comunicação social, percebe-se déficits severos e os comportamentos, atividades ou interesses restritos e repetitivos causam prejuízos em todos os contextos. Uma pessoa autista pode apresentar níveis de apoio diferentes em cada área diagnóstica do autismo, que são: comunicação social e padrão de comportamentos, atividades ou interesses restritos e repetitivos. Os níveis de suporte podem mudar ao longo da vida (American Psychiatric Association, 2022). Mesmo recebendo críticas, os níveis de suporte são interessantes porque tiram a ideia patológica e individualizante de autismo leve, moderado e severo; ressaltando a importância de as sociedades acomodarem a pessoa autista em suas necessidades, dificuldades e facilidades.

De acordo com o paradigma e movimento da neurodiversidade, protagonizado por jovens e adultos autistas, o autismo não é um transtorno, doença ou condição (Walker; Raymaker, 2021). É uma neurodivergência que faz parte do existir humano, constituindo-se como uma identidade importante da pessoa autista. Neurodivergente é aquele com uma forma de perceber, sentir e lidar consigo, com o outro e com o mundo, significativamente diferente dos padrões sociais defendidos; pela cultura dominante, como adequados e adaptativos. Outros estilos neurocognitivos são neurodivergentes. Exemplos de neurodivergências, para além do autismo, são: dificuldades de socialização e aprendizagem (resultando em um diagnóstico médico ou não), bipolaridade, TDAH<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> É sugerido pelo paradigma da neurodiversidade o conceito de Estilo Cinético Cognitivo em substituição do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Ver mais em: 10.1089/aut.2020.29014.njw.

esquizofrenia, dislexia, deficiência intelectual, superdotação/altas habilidades e borderline. Diferente do neurodivergente, há o neurotípico. Neurotípico, como o próprio nome diz, é aquele com um funcionamento neurocognitivo típico, dentro do que é aceitável como saudável em determinada cultura e momento histórico. Observa-se que o paradigma e o movimento da neurodiversidade questionam a separação entre “nós e eles” e reforçam como normalidade e saúde mental são construções sociais que podem ser desconstruídas e reconstruídas a qualquer momento.

Vale ressaltar que o conceito neurotípico não é o oposto de autista, como muito é utilizado na literatura científica e senso comum. Apontar que quem não é autista é neurotípico, segundo Walker e Raymaker (2021), é o mesmo que dizer que pessoas não negras são brancas. Outro ponto a se destacar é que o prefixo “neuro” não é sinônimo de cérebro ou neurológico, e não considera somente aspectos genéticos, como muitos críticos ao paradigma da neurodiversidade alegam. “Neuro” vem de nervo e nervo está em todo o funcionamento mente-corpo do ser humano. Funcionamento que vai além de dicotomias e contempla aspectos políticos, sociais, culturais, étnicos, econômicos e religiosos.

Em consonância com o paradigma e o movimento da neurodiversidade, este trabalho não usará os termos transtorno, condição ou TEA. Expressões “pessoa com autismo” ou “com TEA” não são bem aceitas pelo paradigma e movimento, também. Da mesma forma que não são aceitas expressões, como: “pessoas com homossexualidade” (Walker; Raymaker, 2021) e “pessoas com negritude”. Faz-se o adendo de que o paradigma da neurodiversidade não nega os prejuízos e sofrimentos das pessoas neurodivergentes, nem luta contra diagnósticos e intervenções multiprofissionais. O que acontece é um redirecionamento, um novo pensar crítico e

ético sobre esses conceitos. O transtorno e o tratamento que é dado a quem o é atribuído, não é negado, é repensado e reconhece-se a importância do diagnóstico e dos acompanhamentos interdisciplinares.

Surge, nesse percurso libertador, a reflexão ativa e, em conjunto com os sujeitos autistas, profissionais e familiares, sobre os contextos em que o transtorno acontece, nos seus atravessamentos e nas suas implicações. Analisa-se as intervenções permitidas e não permitidas e denuncia-se abusos de poder-saber, renunciando o lugar de privilégio dos profissionais para a anunciação do lugar de desenvolver intervenções com os autistas. Explicações simplistas, universalizantes, estáticas e reducionistas sobre o que seria um transtorno mental e o tratamento adequado aos seus sujeitos, é que são descartadas.

O paradigma da neurodiversidade visa a polissemia de sentidos e da vida e para manter sua flexibilidade, frisa-se que o conceito neurodivergente não deve ser utilizado de forma rígida e descontextualizada.

De acordo com Groppo (2017a) e Groppo (2015), em relação às juventudes, essas são plurais e mutáveis. Há várias formas de ser jovem e assim como o autismo e o lazer, ser jovem passa por diferentes determinantes sociais, atravessamentos e consubstancialidades. O conceito de consubstancialidade remete-se à ausência de sobreposição, prioridade e contradição primária de uma relação social sobre a outra. Não há reivindicações separadas. Quando um (a) jovem autista faz suas reivindicações, ele ou ela às efetiva como jovem autista e não como jovem e depois como autista. A reivindicação vem da pessoa com todas as suas relações sociais e identidades mutáveis ao mesmo tempo. Por vezes, é necessário distinguir essas inter-relações, todavia, só é possível por meio de análise sociológica. A consubstancialidade comprehende a posição

móvel de poder e o determinismo histórico, já a interseccionalidade arvora posições relacionais fixas e mobilizações em setores (Kergoat, 2010). Por essa razão, este trabalho priorizará o conceito de consubstancialidade que critica o processo naturalizante de identidades pré-definidas, reforçando rótulos às juventudes autistas, a como essas são e devem ser, enquadrando suas práticas de lazer a dispositivos e discursos dominantes opressores.

Ser jovem não é um ser em essência, é um estar existindo e resistindo de maneiras múltiplas, flexíveis, líquidas e reflexivas. Os seus processos de socialização, em harmonia com Groppo (2015), são relidos como processos de subjetivação, onde os sujeitos das juventudes são pontos de chegada e não de partida.

Nesses processos de subjetivação o existir jovem engloba ter um pertencimento social e capital, ter uma orientação sexual e identidade de gênero, fazer parte do espectro da neurodiversidade como neurotípico ou neurodivergente, é ser pessoa com deficiência (PcD) ou não, é ter uma raça/etnia, é lidar com a espiritualidade. Ser jovem implica um tanto de outras formas de ser, estar e apresentar. A categoria etária social de juventudes não existe sozinha, ela dialoga constantemente e dinamicamente, com outras categorias sociais. Essa ideia de juventudes, no cambiante e no diverso, nem sempre esteve presente. As teorias do estrutural-funcionalismo colocavam uma única forma de ser jovem, baseada no biológico e psicológico. As teorias críticas tentaram considerar interseccionalidades, ou da classe e pertencer social, ou em como uma geração influencia a outra, logo, como esses atravessamentos influenciam o jovem. No entanto, permaneceram ignorando outras influências e possibilidades, não dialogando entre si e não conseguiram se desvincilar da predominância biopsicológica. Além de não ouvir os diferentes jovens e o que eles achavam que era viver a sua juventude. Nas teorias

pós-críticas, há a corrente que segue o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, e há a corrente minoritária, que propõe uma reestruturação da sociedade moderna. De forma geral, as teorias pós-críticas estão sendo mais aceitas por ampliarem debates a partir do que as juventudes pensam sobre si, são atuantes, são agentes de transformações e entendem as partes diferentes das juventudes como complementares e não dicotômicas. As juventudes brasileiras são compostas por jovens de 15 aos 29 anos (Barão; Resengue; Leal, 2020). Logo, esta pesquisa utilizará essa referência de faixa etária para a análise dos artigos.

## Metodologia

Este estudo consiste em metodologia de pesquisa de revisão integrativa de literatura qualitativa e exploratória. A revisão integrativa visa identificar, sintetizar e analisar diferentes estudos, de diferentes metodologias sobre um tema específico (Souza, Silva e Carvalho, 2010). Ademais, Mendes, Silveira e Galvão (2008) indicam que a revisão integrativa revela lacunas do conhecimento sobre a temática específica investigada. Para efetivá-la é preciso determinar o objetivo delimitado, elaborar perguntas ou hipóteses e realizar a busca para coletar o máximo de fontes primárias tendo como norte os critérios de inclusão e exclusão. Após analisar os métodos e critérios dos estudos, selecionar os válidos para a pesquisa e por fim, interpretar, sintetizar e concluir os achados. A revisão integrativa permite a junção e resumo ordenados e sistematizados de resultados, conquanto, diferencia-se de revisões sistemáticas por sua abrangência de estudo porquanto analisa estudos experimentais e quase-experimentais, teóricos e empíricos. Ademais, sintetiza pesquisas passadas, (re)posicionando um leque de possibilidades para o fazer pesquisa futuro. Para a sua

execução, atenta-se à especificação do tema e hipótese; definição de critérios para a inclusão e exclusão de estudos, buscas ou amostragem; estabelecimento das informações que serão extraídas dos estudos; realização do exame e interpretação dos estudos incluídos com posterior apresentação dos dados (Cavalcante; Oliveira, 2020).

Nesse percurso, embasando-se nos autores descritos, a revisão integrativa torna-se mais laboriosa pela quantidade variada de artigos a serem interpretados, ao mesmo tempo que equaciona (re) elaborações mais aprofundadas. Faz-se o adendo deste trabalho priorizar a revisão integrativa qualitativa voltada para a análise metodológica dos artigos e decorrentes apontamentos para possíveis revisões teóricas no campo dos estudos culturais do lazer, estudos críticos e pós-críticos das juventudes e estudos do paradigma da neurodiversidade acerca do autismo.

A revisão qualitativa, segundo Creswell (2007), aprofunda no entendimento da realidade tratada. Esse tipo de análise pode ser utilizada para resultados em um campo do conhecimento. A investigação abarcada neste trabalho, trata-se de um tipo de revisão integrativa qualitativa chamada metassíntese, que fomenta o enfoque processual da revisão qualitativa (Cavalcante; Oliveira, 2020). Nessa avaliação crítica das interpelações redigidas pelos estudos analisados em seus todos múltiplos, deslocados e dinâmicos, é imprescindível a definição do objeto de pesquisa, que no caso do presente artigo é a produção de conhecimentos sobre os conceitos: lazer, juventudes e autismo em inter-relação.

Em continuação, a segunda etapa da pesquisa qualitativa é a busca ampla pelos materiais de pesquisa, visando compreender e interpretar eticamente e criticamente o contexto dos conceitos a serem destrinchados. Como consonância à essa fase, o terceiro momento da revisão qualitativa de metassíntese delimita os tipos de documentos a

serem avaliados e a quarta fase refere-se à composição da amostra, uma das fases mais difíceis. Desse modo, é escolhido o material com o maior potencial analítico e para essa escolha é necessário o uso de técnicas adequadas para o que se pretende pesquisar, auxiliando logo, a similaridade temática e a comparabilidade metodológica (Cavalcante; Oliveira, 2020).

O caráter exploratório do estudo, aqui pormenorizado, consiste-se com base em Mendes, Silveira e Galvão (2008), ser um tema ainda incipiente na literatura científica, necessitando de levantamento de hipóteses. Nas pesquisas exploratórias, as questões de pesquisa são específicas desde o início e por se tratar de uma área ainda com significativas lacunas de aportes teóricos e implicações práticas no âmbito científico, cabe ao (a) pesquisador (a) evidenciar os conhecimentos e desconhecimentos populares e científicos acerca da temática de interesse, expressando as barreiras para a manifestação do que os diferentes outros e agentes dizem, fazem e resistem (Piovesan; Temporini, 1995). O estudo exploratório, como o qualitativo integrativo, objetiva correlacionar as partes individuais dos discursos com seus discursos motivadores e derivados de um contexto cultural, político e social amplo, partindo do que se sabe para maximizar os sentidos a serem produzidos a partir daí. Os conhecimentos são interpretados em afirmação de tempo e espaço, poderes e saberes. Com isso, vislumbra-se, a partir da pesquisa exploratória, que as barreiras aos valores e ações dos sujeitos da pesquisa sejam contornadas. Para tanto, as perguntas da pesquisa exploratória devem ser feitas e refeitas pensando-se nas respostas que se destinam a obter. O nosso pesquisar é com eles e não para eles. É um pesquisar com emoção e encontro de subjetividades, que por vezes, geram desencontros.

Diante do supra-exposto, para executar a revisão integrativa qualitativa do tipo metassíntese exploratória, buscou-se os seguintes descritores nos bancos de dados de SciELO<sup>4</sup>, CAPES<sup>5</sup>, PePsic<sup>6</sup> e BVS<sup>7</sup>: (Autismo OR “Transtorno do Espectro Autista” OR TEA) AND (Lazer). No banco de dados da CAPES também se pesquisou: Autismo + Lazer. Com a primeira busca, comum a todos os bancos de dados, não se encontrou nenhum artigo científico na CAPES, PePsic e SciELO. No portal BVS, encontrou-se 100 artigos. Desses 100, 4 artigos foram selecionados pelo título. Dos 4 artigos, 1 foi descartado pelo resumo, por não abordar as perspectivas das juventudes autistas sobre o lazer e 1 foi descartado na leitura completa por mencionar o conceito de lazer somente no título. Já com a segunda busca, na CAPES, Autismo + Lazer, apareceram 11 artigos. 10 artigos foram descartados pelo título. 1 foi descartado pelo resumo por não abordar juventudes autistas. Os critérios de inclusão foram: a) artigos que coletam dados sobre o lazer diretamente com as juventudes autistas; b) estar no idioma português, espanhol ou inglês e c) artigos que mencionem o conceito de lazer no título e corpo do artigo. Critérios de exclusão: a) ser artigo de revisão; b) artigos não disponíveis na íntegra e c) artigos que não mencionem alguma parcela da faixa etária dos 15 aos 29 anos<sup>8</sup>, ou não mencionem conceitos de adolescência, juventude/juventudes ou jovem. A revisão foi realizada entre abril e agosto de 2024. Para a análise dos artigos foi utilizado o conceito de lazer cultural, teorias críticas e pós-críticas das juventudes e o paradigma da neurodiversidade.

<sup>4</sup> Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <https://search.scielo.org/advanced/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2024.

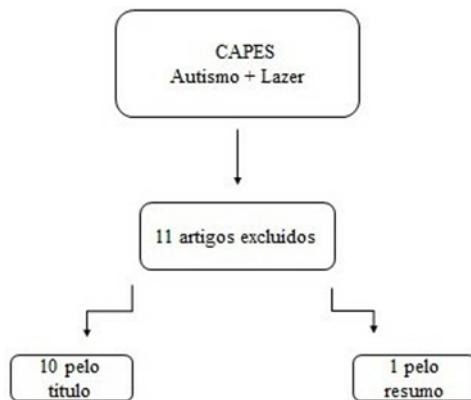
<sup>5</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>. Acesso em: 18 abr. 2024.

<sup>6</sup> Periódicos de Psicologia (PePsic). Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

<sup>7</sup> Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Disponível em: <https://bvsalud.org/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

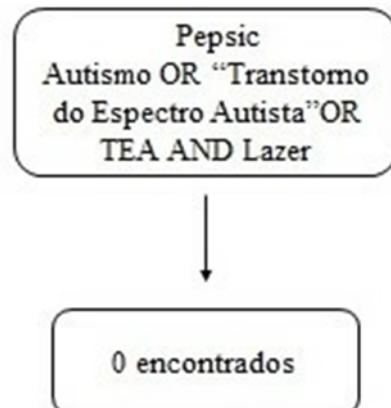
<sup>8</sup> O IBGE considera como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos. Nesse artigo, porém, será considerada a categoria etária do Estatuto Brasileiro da Juventude, onde são consideradas jovens as pessoas entre 15 e 29 anos.

**Figura 1:** Dados de busca na CAPES



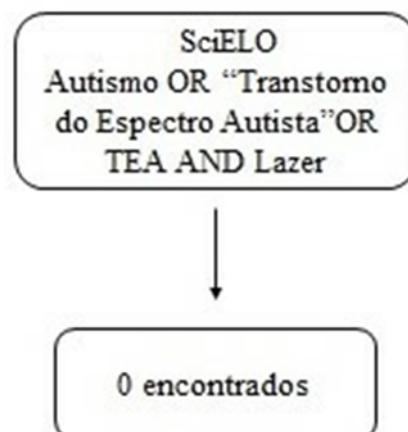
**Fonte:** a autora.

**Figura 2:** Dados de busca na Pepsic



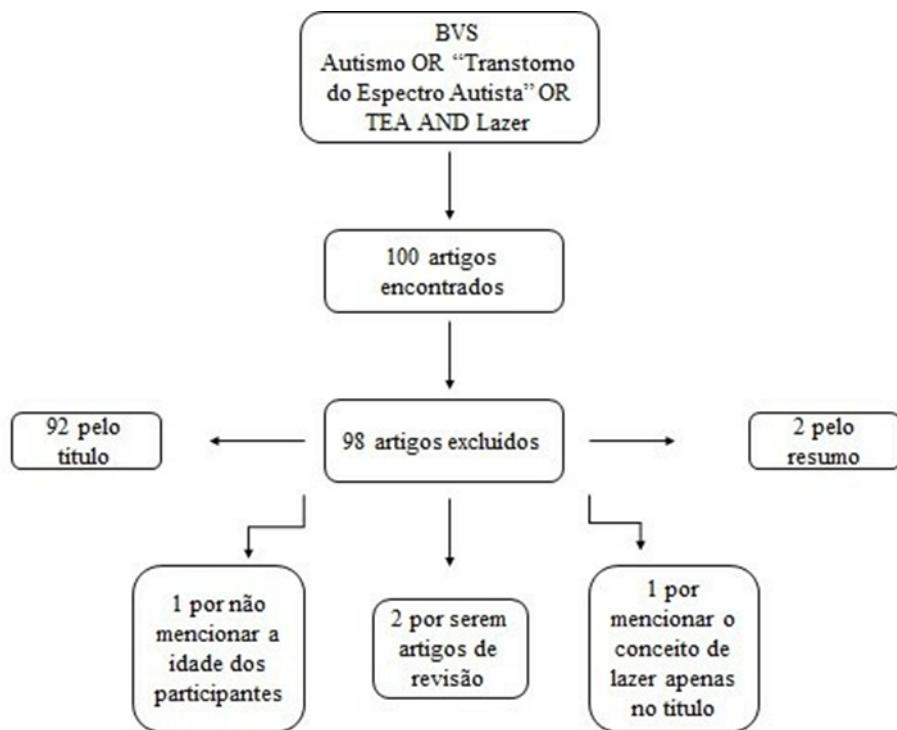
**Fonte:** a autora.

**Figura 3:** Dados de busca na SciELO



**Fonte:** a autora

**Figura 4:** Dados de busca na BV



**Fonte:** a autora

## Análise e Discussão

O artigo “Restricted Interests and Autism: Further Assessment of Preferences for a Variety of Leisure Items”, encontrado na terceira página da busca BVS, foi incluído após a leitura completa.

A metodologia adotada no artigo consistiu no recrutamento de quatro jovens autistas, homens e com menos de dezoito anos, por meio de uma escola para crianças e jovens com deficiências. A escola não é nomeada. Critérios para participarem do estudo: histórico baixo a moderado de problemas comportamentais de agressividade; histórico de conseguir fazer tarefas na mesa por 10 minutos; histórico de digitalização e seleção de variados itens com confirmação de um clínico responsável pelo caso. Os participantes eram indicados, pelos cuidadores, para o estudo, por terem histórico de brinquedos e preferências por itens de lazer restritos e problemas de comportamento associados com o acesso negado aos itens preferidos. A escola era consultada para descobrir a frequência e a intensidade dos déficits comportamentais, avaliando se os antecedentes e as consequências estavam de acordo com os relatados pelos pais ou cuidadores. O objetivo da pesquisa era averiguar: a) se os participantes preferem itens de jogos ou lazer não repostos (familiares), ou itens frequentemente repostos, b) se os participantes que preferem itens com reposição selecionam itens com propriedades que combinam ou que não combinam com o item preferido não reabastecido, e c) se os participantes que mostram preferência exclusiva por itens não repostos selecionam itens com reposição durante a restrição da resposta e aumento dos repostos no conjunto de manipulações. Um participante selecionou itens não reabastecidos sem manipulações adicionais. Os outros três só selecionaram itens de lazer repostos após manipulações adicionais. O estudo ressalta que, em condições de uma faixa variada de potenciais

reforçadores e com restrição de resposta, fomenta-se um repertório comportamental de interesses múltiplos em pessoas autistas, o que facilita os serviços baseados na Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

Nesse artigo, percebe-se o uso da metodologia quase-experimental e uma apropriação do lazer como intervenção para o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva e comportamental. O lazer tem um objetivo e interesse, podendo questionar se realmente, consiste-se como lazer. Um lazer utilitarista para intervenções clínicas e educacionais que almejam uma “cura” dos autismos e que não visam a qualidade de vida da pessoa autista, sendo autista. Explanações do que é lazer, da sua importância e o que esses jovens pensam sobre o lazer, não foram abarcadas. O artigo permaneceu na análise desta revisão por observar o comportamento das juventudes autistas e, nesse prisma, abarcar suas perspectivas, indiretamente. Os alvos pontuais de análise do interesse desses jovens podem constituir-se, amparando-se em Gomes (2023), como entretenimento ou recreação controlados pelo interesse econômico e político, equacionando atividades programadas que maximizam lucros e não pessoas. A partir da promessa de diversão, distraem o jovem autista de si mesmo. Por isso, os jovens autistas não têm somente a excitação da ludicidade inibida, eles têm a constituição da sua autoconsciência emancipatória inibida.

A inclusão de autistas jovens com comportamentos disruptivos classificados como leves a moderados, que conseguem ficar pelo menos 10 minutos sentados realizando tarefas e que já têm o costume de utilizarem dispositivos eletrônicos e de selecionarem itens variados nesses, interroga se a procura é por juventudes que possam aderir mais facilmente, com mais passividade, às configurações de lazer almejadas pela instituição saúde. Quem não se adapta a esses padrões, não tem chance, não tem vez,

não tem voz? Como é o lazer dos autistas jovens com quadros de comportamentos classificados como gravemente agressivos, que não têm dispositivos eletrônicos ou que não sabem ou não querem usá-los? Não ficam sentados por 10 minutos e não variam os interesses? O agenciar do lazer tecnológico, em seus perigos e defesas, com as juventudes autistas, poderia ser mais pormenorizado, da mesma forma.

Pelo o explicitado até agora, os interesses das juventudes autistas não parecem ser acolhidos e sim usados como um mecanismo de mudança desse jovem. O desejo anulado, e dessa feita, sujeito anulado. Mudança não perguntada e forçada, mudança que coloca esses jovens em lugar de espectadores da própria vida e não protagonistas de si mesmos (as), apresentando uma ideia patológica do autismo. O paradigma da neurodiversidade e a motivação da pessoa neurodivergente, a parte prazerosa e de potencial transformacional do interesse restrito e repetitivo não são contemplados, ao analisarmos os escritos de Walker e Raymaker (2021). O autismo é visto como um transtorno que transtorna a sociedade. A sociedade que transtorna e tira as oportunidades de lazer para que o autista seja cada vez “menos autista” não é exposta intencionalmente, todavia, aparece.

Com base em Gomes (2023), o aspecto desinteressado, sinérgico, criativo, revolucionário e espontâneo do lazer cultural é desconsiderado. Até que ponto a intervenção é para ajudar autistas jovens, até que ponto é para torná-los conformistas e convertidos aos gostos neurotípicos? Tal visão, é no mínimo, questionável. Saúde, trabalho, sexualidade, espiritualidade e relacionamentos são importantes para o bem-estar. Porém, pouco se fala sobre o lazer. Ainda mais para pessoas autistas. Menos ainda, para as juventudes autistas. As juventudes com deficiências são significativas em dados estatísticos, no entanto, permanecem em situação de vulnerabilidade social e sua

inserção em estudos e políticas públicas é escassa. Perfazendo, apresentam-se como um dos grupos de jovens que mais sofrem preconceitos e violências (Barão; Resengue; Leal, 2020). Destarte, o jovem autista, que é uma pessoa com deficiência, a partir da Lei reconhecida por Rousseff, Fernandes & Belchior (2012), é privado do investimento em práticas inclusivas de lazer. Isso é preocupante haja vista que o lazer cultural em sua natureza fluida, crítica e escolhida pelo sujeito, é essencial para o bem-estar de alguém. Inclusivamente, é direito humano.

O fato de a amostra consistir em jovens com categoria etária abaixo dos dezoito, com menos necessidade de suporte e do gênero masculino limitam a apreensão da diversidade do lazer nas divergentes juventudes e na pluralidade dos autismos. Portanto, as possibilidades e dificuldades do lazer em juventudes autistas não foram explanadas, em consonância com Gomes (2023), em seu potencial lúdico de criação, combinação, manejo, exaltação e modificação das emoções. As dificuldades no lazer, segundo o que se espera que o autista jovem faça e consiga, sobrepondo-se aspectos das gerações anteriores sobre as mais novas (Groppo, 2017b), são captadas. Por conseguinte, capta-se uma lacuna científica sobre a socialização ativa e flexível argumentada por Groppo (2015) que circula e permite os mais velhos e crianças aprenderem com os jovens e as juventudes aprenderem com os adultos, idosos e crianças sobre diferentes perspectivas de lazer, por meio das quais as sabedorias e insciências dos jovens, crianças e mais velhos são reafirmadas em diálogos construtivos.

Nesse quesito, ao percorrer a dissolução de formas dos endereçamentos regidos às identidades jovens autistas, nas relações intergeracionais, reconhecemos que o conceito de identidades é representativo da luta histórica de pessoas com deficiência e neurodivergentes defensores da neurodiversidade. A utilização do conceito de

identidades, nesta pesquisa, considera o conceito de identidade fluida e as potências do pensar, sentir e agir em metamorfoses, consubstancialidades, em infinidades de conquistas, fragmentações, conflitos, surpresas, afetos, idas e vindas. Identidade autista fluida que subverte, rompe e desvia padrões de normalidade neurocognitiva. É isso que o conceito neuroqueering ou ser neuroqueer, do paradigma da neurodiversidade (Walker; Raymaker, 2021), nos faz lembrar.

A perspectiva da neurodiversidade e sua articulação com práticas de inclusão de si mesmo (a) nos ambientes, diminuindo barreiras biopsicossociais e favorecendo as potências e as possibilidades dos processos identitários autista de forma descentrada e não estanque, auxilia na compreensão de que o artigo analisado institui um lazer sem história, sem cor, sem poesia, sem celebração da diferença em si mesma e das múltiplas verdades sobre o lazer em fruir. Um lazer assujeitado à neuronormatividade. Ou seja, sujeito ao padrão de normalidade sistêmico e estrutural imposto ao dual mentes-corpos e perdendo, logo, seu encanto em devir. Tal concepção interpõe-se aos achados do lazer cultural demonstrando a relevância das simbologias e suas assimilações no vivenciar o lazer e para esse processo acontecer almeja-se a relação da pessoa, com o ambiente e com o complexo arcabouço cultural mais amplo. A relação implica que todas as partes contribuam com suas percepções e práticas, há troca, há resistência, há (re) elaborações contínuas com refutações à lógica hegemônica de produção/consumo do lazer (Gomes, 2023). Nesse artigo, o que as juventudes autistas viveram, o que sabem, o que gostam, o que podem decidir, não é posto em par de equidade com os outros sistemas. Com isso, as teorias críticas e pós críticas das juventudes nos dão elementos para perceber que esse silenciamento dos saberes e poderes das juventudes são históricos e perpassam o imaginário popular de jovem delinquente, insensato e faltoso. Ao mesmo tempo que o

ser jovem ocupa um lugar de desejo social, como se as pessoas quisessem a parte considerada boa das juventudes: a energia, a beleza, as oportunidades e desejassem anular, a todo custo, aquilo que consideram ruim: a fase de transição para a estabilidade adulta e as dificuldades devido a esse período de intensa incerteza. As juventudes estão em frequente holofote: seja para a glória social, seja para o desdém. Suas vidas estão em jogos de poder-saber e as decorrentes manipulações. Quando se acrescenta a essa categoria vulnerável ao imaginário popular, outra categoria biopsicossocial marginalizada, que é ser neurodivergente autista, as limitações impostas ao “curtir/descutir” o lazer cultural são amplificadas.

Portanto, políticas públicas que satisfaçam as particularidades do lazer em juventudes neurodivergentes, sobretudo, juventudes neurodivergentes autistas -que são o foco deste artigo- precisam contemplar os mecanismos de socialização e comunicação social diferenciados nessa população afetando a interação com os pares; a expressão e a reciprocidade afetiva, os desconfortos e fascínios sensoriais, os prejuízos com a rigidez cognitiva, afetiva e comportamental. Igualmente, defende-se momentos que questionem lógicas absolutas e únicas sobre como os jovens autistas devem (re)viver ou (re)fazer o lazer, reelaborando as relações de poder-saber envolvidas em tais discursos e (re) ações que são circunscritos e históricos.

Destaca-se que defender práticas de lazer, que sejam lazer para o jovem autista, sem objetivos e metas terapêuticas claros, não é desconsiderar a importância dessas terapias e suas diferentes abordagens. É apontar mais um caminho, mais um encontro e desencontro, mais um diálogo, mais um fazer possível com outros possíveis. De igual modo, reconhece-se que cada realidade é única e o que funciona para um não funciona para o outro. Os determinantes e consubstancialidades das juventudes autistas e suas

famílias precisam ser contemplados nas políticas públicas de lazer. Políticas públicas que ouçam as vozes, os gritos, os silêncios, as delícias e as revoltas das juventudes autistas por si mesmas. Seja por comunicação verbal ou não verbal, seja por comunicação alternativa e aumentativa, seja por intermédio de alguém. O importante é acolher e validar o que as diferentes juventudes autistas têm a dizer sobre as políticas públicas de lazer para elas e por elas.

Em relação ao vivenciar o lazer desinteressado, livre e desejoso, comprehende-se que jovens autistas, de nível 2 e 3 de apoio com várias condições diferenciadas de saúde coexistindo ao autismo, com limitados recursos financeiros e de suporte social e que precisam de intervenções multiprofissionais mais intensivas; as práticas de lazer separadas dessas terapias podem ser mais inviáveis e por conseguinte, recomenda-se assegurar que esse (a) jovem tenha seu lazer garantido em meio ao seu entorno, a essas demandas e dificuldades. Como fazer isso? Há várias respostas para uma mesma pergunta. Porque somos vários. E uma pergunta nunca é, exatamente, a mesma. Ela se transforma e reinventa-se de acordo com o contexto.

Pode-se pensar, em meio às terapias, ter um tempo para esse (a) jovem desfrutar de seus interesses sem estar, necessariamente, atrelado ao ter feito um "bom trabalho" , ter "evoluído" e se "comportado bem" durante as sessões/consultas. Nem estar associado ao usar o interesse como forma de aproximar desse jovem com uma meta terapêutica definida. Poderia ser um tempo de lazer em si mesmo? Um tempo de descanso porque queremos descansar e não porque estamos sendo recompensados? Um tempo de "vamos nos divertir juntos"? Nesse viés, nota-se que o lazer está no ser humano e o ser humano está no lazer. Uma pessoa ocupa diferentes funções, lugares,

identidades dinâmicas e partes da vida. Consequentemente, o lazer entrelaça-se e mistura-se com tudo isso.

Em suma, o outro artigo analisado foi “Leisure participation and satisfaction in autistic adults and neurotypical adults”, na segunda página do portal BVS. A metodologia utilizada na pesquisa foi o estudo ecológico com um desenho transversal comparativo. O objetivo era comparar o tipo e frequência de atividades de lazer de adultos autistas e não autistas, como também, a identificação e comparação de fatores associados com a satisfação de lazer deles. Para tanto, foi feita a desidentificação de dados do questionário: Estudo Longitudinal Australiano de Adultos no Espectro Autista (ALSAA). O ALSAA compreende o funcionamento da saúde mental e física, produtividade, participação na sociedade e bem-estar geral dos autistas adultos e seus cuidadores. Os sujeitos da pesquisa consistem em 249 participantes. 145 autistas adultos e 104 adultos não autistas, que moram na Austrália, sabem ler e escrever em inglês. A faixa etária é dos 25 anos em diante. Todos os participantes autistas relatam ter um diagnóstico formal de autismo por um profissional de saúde mental que se baseou nos manuais diagnósticos reconhecidos cientificamente e utilizados na época. 16 participantes, que não têm o diagnóstico formal, foram excluídos do estudo. 28 participantes adicionados não são incluídos por não responderem todas as informações exigidas. O comprometimento intelectual dos participantes é inexistente ou insignificante. Há mais mulheres autistas do que homens autistas, na pesquisa. Os participantes autistas eram recrutados a partir da divulgação dos materiais em organizações específicas para o autismo, empresas para pessoas com deficiência e serviços de saúde, profissionais de saúde na Austrália, universidades australianas e instalações técnicas e educacionais adicionais. Os participantes não autistas eram

recrutados pelas mesmas vias, com o acréscimo de jornais locais, contatos para grupos comunitários e grupos de liga.

Como resultado, tanto não autistas quanto autistas, preferem atividades solitárias de lazer. Porém, adultos autistas, incluindo jovens adultos, relataram ter mais preferência por esse tipo de lazer e apresentavam menos satisfação com o lazer, no geral. Igualmente, buscam mais desafio intelectual, estímulo virtual, prazer e aprendizagem nas atividades de lazer. Em comparação aos pares não autistas.

O artigo possui metodologia quase-experimental e não pormenoriza a conceituação de lazer adotada na pesquisa, do mesmo modo, não especifica o estudo para juventudes autistas. A sua constatação nesta revisão justifica-se por abordar uma parcela de juventudes adultas, dos 25 aos 29 anos. Um avanço é abordar pesquisas sobre o lazer e sua importância, escutar algumas vozes das juventudes autistas e abordar expressões do paradigma da neurodiversidade, exemplificando: “autistas” e “pessoas autistas” ao invés de: “pessoas com TEA” ou “com autismo”. O conceito de neurotípico, apesar de arvorado como oposto de autista, que é um equívoco conceitual-explica-se na introdução, é mencionado e mostra adesão ao entendimento do autismo como uma diferença de mentes-corpos. Um outro aspecto interessante é os sujeitos da pesquisa serem mais mulheres autistas do que homens autistas, ponderando que como a própria American Psychiatric Association (2022) conclama, mulheres tendem a passar despercebidas nos serviços diagnósticos e de intervenções multiprofissionais por manifestarem o autismo de forma diferente, frequentemente, disfarçando características do autismo para serem aceitas pelas funções de gênero estabelecidas. Logo, o artigo aproximar-se da realidade dessas mulheres jovens é uma forma de denunciar o silenciamento e sofrimento dessas.

Quanto à comparação dos autistas adultos jovens e não jovens, com seus respectivos pares não autistas, pode-se vislumbrar na compreensão de ambas as realidades sem julgamento, intentando uma complementação de ambos os funcionamentos e incentivando uma convivência harmoniosa entre esses. Ou pode ser com um viés hierárquico camuflado, em que as práticas de lazer neurotípicas são privilegiadas e as autistas engendradas como inferiores. O real motivo dessa comparação não ficou claro. Um objetivo da pesquisa, destacado, é aprimorar intervenções clínicas. Dessa feita, os benefícios do lazer são para as instituições de saúde e não para as juventudes autistas.

O ser, estar e apresentar autista jovem adulto em seu constante ressignificar e transcender de determinantes biopsicossociais e consubstancialidades estão limitados ao “nós autistas” e “eles neurotípicos”, o que pode corroborar com o neuroessencialismo (Walker; Raymaker, 2021). O neuroessencialismo frisa uma adesão ao autismo como essência total ou superestimada e naturalizada de uma pessoa, acabando por classificá-la e priorizar aspectos biopsicológicos em detrimento dos sociais. Nesse prisma, as possibilidades neuroqueering do autista não atrelar-se somente ao autismo e estar convivendo, evocando, escolhendo e sendo interpelado por outras variadas identidades fluidas, apresentando-se de formas diferentes ao longo da vida juntamente aos infinitos potenciais neurocognitivos que possuem; são negligenciadas.

Destarte, as concepções críticas e pós-críticas das juventudes, o lazer cultural e o paradigma da neurodiversidade nos chama a perceber os jovens autistas em suas narrativas, em seus casos e caos, em suas vidas que vão acionando suas diferentes existências. De quais efeitos de condições, o (a) jovem autista, veio e para quais povoamentos e rupturas enseja ir? De quais linguagens desiguais o (a) pesquisador (a)

fala? De quais modos surge envolvimento entre pesquisador (a) e sujeitos das pesquisas? Essas tramas que estão no lazer das juventudes autistas podem ser mais arvoradas em próximos estudos. Estudos com prática, com mais incertezas do que certezas, com texto em contexto, com vida e personagens vivos, com escritas que estão nas ruas, nas cidades, nas casas e manifestações dos jovens autistas...

Aspectos da idade, foram discorridos brevemente no último artigo pormenorizado, a partir da constatação de que ser mais jovem consolidava mais práticas de lazer e ter menos sintomas depressivos. Não obstante, as causas para essa evidência e a dimensão social por detrás disso não foram mencionadas. Ser, estar e apresentar-se jovem não é só idade e ao deparar-se com as juventudes no tecer e desenrolar de uma pesquisa, esse entendimento necessita estar esclarecido.

De acordo com Souza e Paiva (2012), têm movimentos comuns nas diferentes juventudes. São eles: busca pela independência, saída da casa dos pais, término da escola e decisão sobre o que fazer para adentrar no mundo adulto, entrada no mercado de trabalho, o vivenciar da sexualidade humana de forma ativa e intensa, os questionamentos e críticas frequentes e a busca incessante pelo autoconhecimento. Tais aspectos poderiam ter sido abarcados como influenciadores ou não das vivências de lazer, no estudo analisado. Como o desejo social, dos jovens, por grupos passageiros e de intenso envolvimento emocional (Groppo, 2015) traz urgências históricas e possíveis desterritorializações para as juventudes autistas, pode auxiliar no desenrolar de outras pesquisas sobre políticas públicas de lazer, outrossim.

Ambos os artigos deixam a desejar no valorar do individual em meio ao coletivo e apresentam uma visão uniforme e estrutural-funcionalista do que é ser jovem, limitando o exercer de políticas públicas abrangentes. Para a execução de políticas

públicas que agenciem saúde e lazer, como destacam Silva e Abrão (2022), é importante (re)direcionar pesquisas e ensino por meio da Educação Permanente, aos gestores do SUS, logrando o entendimento ampliado desses sobre o lazer como direito social e seu potencial para promoção da saúde em si mesmo, sem estar como vivência secundária e consequente das práticas de saúde. No que tange aos jovens autistas, esse entendimento se faz necessário porquanto esses jovens estão em frequentes serviços de saúde para a aquisição, desenvolvimento e generalização de habilidades de comunicação social e padrões de comportamentos, atividades e interesses mais flexíveis. Muitos desses jovens também dependem dos serviços públicos ofertados pelo SUS. Como será disposto o lazer se onde esses jovens mais estão inseridos não se sabe o que é lazer nem sua necessidade na vida humana?

Ao ter essa educação constante e atualizada sobre como implementar políticas públicas intergovernamentais e intersetoriais satisfatórias às juventudes autistas, frisa-se a abertura e manutenção do convívio desses jovens com outros jovens autistas e também com jovens neurodivergentes não autistas e neurotípicos. É válido o incentivo e a oferta de ambientes sociais e físicos neurodiversos, para as juventudes autistas. Ambientes neurodiversos, parafraseando Walker e Raymaker (2021), são aqueles com pessoas de funcionamentos neuropsicológicos significativamente divergentes entre si, ao analisarmos os valores dos padrões sociais e de saúde fomentados em dado momento histórico-político. Privar jovens autistas do convívio de lazer neurodiverso é privá-los de vitórias e desafios inerentes ao próprio lazer.

Por se tratar de jovens que precisam de suporte para a comunicação, flexibilidade cognitiva e comportamental, regulação emocional e atividades de vida diária; acolhe-se que em muitos casos o lazer será com alguém que oferece a segurança

e o apoio necessários a esse sujeito. Portanto, pensar em políticas públicas de lazer que validem as particularidades desse provedor de suporte, que tende a ser algum familiar, é essencial. Adaptações sensoriais, de tempo-espacô, atividades e capacitação contínua sobre as nuances do espectro autista em jovens- o que é escasso em estudos- são possibilidades a serem consideradas na implementação de políticas públicas de lazer.

Um aspecto a ressaltar-se é que jovens autistas podem ter interesse relacional por pessoas mais novas ou mais velhas, como aponta a American Association Pschyatriac (2022) e podem ter preferência de lazer por atividades e locais considerados para pessoas de uma idade mais avançada ou inferior. Com isso, é preciso que as políticas públicas de lazer intentem garantir que o desejo e o prazer desse ou dessa jovem autista possam ser contemplados de forma humanizada e confortável para todos os envolvidos.

Nesse contexto, o desejo que move o lazer é sufocado pelos dados e seus números que não conseguem mensurar a excitação de alguém... E a perspectiva contextual do (a) jovem sobre o seu lazer? A perspectiva livre de questionários e além desses? A perspectiva de diversão, gozo, deleite, tédio, tensão e alívio que atravessam a multiplicidade do lazer vivo e (des)contínuo, que encanta e desencanta e extrapola a metodologia quantitativa; ainda deixa lacunas. Faltou abrancar a intencionalidade, o planejamento, a execução e o reviver do lazer por meio de memórias afetivas. Os artigos deixaram a desejar sobre o que move e paralisa as juventudes autistas a buscarem determinados tipos de lazer e não outros. O lazer cultural, apresentado por Gomes (2023), como potente via de apreensão, enfrentamento e ressignificação de valores democráticos, habilidades interpessoais; conhecimentos, memórias, imaginação e autoestima não são analisados nos estudos acima. Nessa seara, é preciso a articulação do

lazer cultural com outras esferas da vida para compreender o sujeito jovem autista que vive com diferentes identidades, vontades, vantagens e desvantagens, urgências, necessidades e momentos. O sujeito em construção que coloca o lazer em construção.

**Quadro 1:** Artigos escolhidos

| Artigo/Autores   | País/Ano            | Objetivo   | Resultados  |
|--|---------------------|--|---|
| “Restricted interests and Autism: Further Assessment of Preferences for a Variety of Leisure Items” (Spear; Karsten e White) | Estados Unidos/2017 | Investigar como os participantes jovens de menor e autistas, com interesses restritos e repetitivos e que apresentam comportamentos disruptivos ao terem acesso negado aos seus interesses, lidam com itens de lazer preferidos não repostos e itens de lazer novos repostos | A maior parte dos participantes selecionaram itens de lazer repostos somente com manipulações   |
| “Leisure participation and satisfaction in autistic adults and neurotypical adults” (Stacey <i>et al.</i> )                  | Austrália/2018      | Comparar o tipo de frequência de atividades de lazer de adultos autistas e não autistas  | Adultos autistas, incluindo jovens adultos, relataram ter mais preferência por práticas de lazer sozinhos e apresentavam menos satisfação com o lazer, no geral |

**Fonte:** a autora.

## Conclusão

Os artigos mostram o que é lazer e não como está o lazer. Explorar o estar lazer, o reivindica como em constantes interposições únicas que mudam o tempo todo. O interesse, também, aparenta não ser pelo lazer, mas pelo que ele pode agregar. O foco está, sobretudo no artigo “Restricted Interests and Autism: Further Assessment of Preferences for a Variety of Leisure Items”, em quais são as recompensas

neuronormativas do lazer. Pesquisas qualitativas que compreendam os discursos em seus contextos e sentimentos, também, não foram identificadas. Tal achado pode apontar para o interesse utilitarista do lazer. Outro aspecto para destacar-se é que nenhum artigo menciona o conceito de juventudes nem o articula ao lazer, apontando para as suas possibilidades e dificuldades ao ser vivenciado pelo público autista jovem. A teoria adotada para explicá-lo também não foi explicitada, revelando uma carência interpretativa do que os autores articulam como lazer. Além disso, o paradigma e movimento da neurodiversidade não foram contemplados nas análises do lazer para juventudes autistas, em um dos artigos. No outro, houve utilizações de expressões adotadas pelo paradigma sem uma análise dos dados no viés da neurodiversidade. Essa constatação aponta para uma possível prevalência do paradigma da patologia nos estudos sobre lazer e autismo, seguido de uma apropriação de conveniência dos conceitos do paradigma da neurodiversidade, sem um aprofundamento teórico e compreensão dos significados e significantes que envolvem esses conceitos. Observa-se que os artigos são recentes: 2017 e 2019, o que aponta para um interesse emergente nos estudos do lazer para pessoas autistas, especialmente, jovens. Decerto, não ter artigos nacionais abordando o tema revela o eurocentrismo e a colonização do saber sobre os lazeres, em que países como o Brasil aderem e repetem conhecimentos produzidos pelos países da Europa ou do Norte sem realizarem pesquisas próprias e emancipatórias (Gomes, 2023). Não obstante, amparando-se em Barão, Resengue e Leal (2020), o Brasil é um dos países com maior expectativa de felicidade jovem. O que o coloca como campo promissor de políticas públicas, em lazer, que contribuam para a felicidade das juventudes autistas. Os autores, há pouco discorridos, revelam que dentre as cinco atividades de lazer mais efetivadas por jovens brasileiros, quatro são gratuitas: sair para

parques, participar de festas nas casas dos amigos, frequentar cultos religiosos e estar em shoppings centers. Como essa constatação funciona com as juventudes autistas? É válido ter esse repensar, em mente, para próximas pesquisas voltadas às políticas públicas de lazer.

Em complementação aos estudos qualitativos que aprofundem nas vivências de lazer das juventudes autistas, em suas óticas e afetos, estudos experimentais com amostras aleatórias podem agregar em elaboração de instrumentos e planos de intervenções individualizados que verifiquem as fragilidades e fortalecimentos do lazer nessa população, de igual maneira, como estimular práticas de lazer assertivas para o jovem autista e que dialogue com os sentidos atribuídos, pelas juventudes autistas, ao lazer. As experiências significativas e duradouras do lazer das juventudes autistas necessitam de mais estudos e de novas pesquisas que preencham a lacuna do lazer com história de vida repensada e contada, principalmente, tendo como norte teórico o paradigma da neurodiversidade. E, com isso, arvorar o lazer que não se perde mas se transforma.

Estudos que caminhem em rumo à responsabilidade social de equidade e justiça social, diminuindo o capacitismo – Walker e Raymaker (2021) conceitua como preconceito ou discriminação contra às pessoas com deficiência e psicofobia - preconceito ou discriminação contra pessoas neurodivergentes (TJDFT, 2022). Análises das teorias críticas e pós-críticas sobre o ser, estar e apresentar-se jovem e a conceituação de lazer cultural e como necessidade humana, podem auxiliar em uma perspectiva integrativa em relação aos olhares das juventudes autistas sobre o lazer, logrando na efetivação de políticas públicas para esse grupo.

Recomenda-se para pesquisas futuras estudos sobre políticas públicas de lazer para jovens neurodivergentes e suas consubstancialidades, em especial, juventudes neurodivergentes autistas. Para isso, estudos conduzidos por profissionais da área da saúde e do lazer, autistas jovens, são promissores para o preenchimento de lacunas teóricas e práticas sobre o manifestar do lazer em juventudes autistas, em meio às suas rotinas de terapias e cuidados neuropsicológicos.

É interessante os estudos futuros sobre o lazer de/para/com juventudes autistas retratarem os problemas atuais, mas também fomentar visões positivas de futuros melhores para os quais podemos investir, explorando as vidas, preocupações, autoavaliações e necessidades de autistas jovens sobre o lazer; sem patologização do espectro autista. Estudos que explorem políticas públicas ativadoras e mantenedoras de potenciais das/dos jovens neurodivergentes autistas para autorrealização e criatividade em seus deleites de lazer cultural. Políticas públicas de lazer que favoreçam o triunfar dessas juventudes autistas sobre os limites da retórica, comunicação, intencionalidade e experiência. E mais, políticas públicas de lazer cultural que proporcionem espaço para o aperfeiçoamento das sinergias criativas que podem emergir das inter-relações e colaborações entre mentes-corpos neurodivergentes autistas, outros neurodivergentes e neurotípicos.

Para uma celebração dos valores e ideais intergeracionais multiplicados e imbricados, importa que essas políticas públicas incluam os jovens autistas, jovens neurodivergentes não autistas e jovens neurotípicos com sujeitos, de todos esses desempenhos neurocognitivos mencionados, que estejam em categorias etárias diferenciadas. Sumariamente, aponta-se para o vigor revolucionário de estudos futuros nos campos do lazer como parte da cultura e necessidades humanas rumo às sociedades

e humanidades neurocosmopolitas (Walker; Raymaker, 2021), que aceitam e apreciam o âmbito da neurodiversidade nas diferenças das vivências, comunicações e corporeidade.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** Texto revisado (DSM-5-TR). 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2022. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wpcontent/uploads/2018/06/Manual-Diagnosico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 04. abr. 2023.
- BARÃO, M.; RESENGUE, M.; LEAL, R. **Atlas das Juventudes.** Em movimento e Pacto da Juventudes pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU, 2020.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Brasília: CAPES, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da juventude:** atos internacionais e normas correlatas. Brasília, 2013.
- CAVALCANTE, L.; OLIVEIRA, A. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 fev. 2025.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2.ed. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GOMES, C. L. **Frui Vita:** a alquimia do lazer. Paraná: Ed. Atena, 2023. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/frui-vita-a-alquimia-do-lazer>. Acesso em: 14 jun. 2024
- GROOPPO, L. A. **Introdução à Sociologia da Juventude.** São Paulo: Ed. Paco, 2017a.
- GROOPPO, L. A. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-17, mar. 2017b. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S231892822017000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231892822017000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22. mar. 2024.
- GROOPPO, L. A. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales, v. 2, p.567-579, julho de 2015. Disponível em:

[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-715X2015000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2015000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 – São João Del Rei (MG)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/>. Acesso em: 10. jun. 2024.

KERGOAT, D. Traduzido por CAMPOS, A.M. Dinâmica e consubstancialidade das Relações Sociais. **Rev. Novos Estudos**, v. 8, n.6, p. 93-103, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/hVNnxSrszcVLQGfHF85kk/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online], v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Epub 12 Jan 2009. Acesso em: 15 ago. 2024.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, v.29, n.4, Ago 1995.

ROUSSEFF, D.; FERNANDES, J. H. P.; BELCHIOR, M. **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Presidência da República: Casa Civil. In: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 30 abr. 2024.

SILVA, B. C.; ABRÃO, R. K. Políticas públicas voltadas ao lazer para promoção da saúde. **Rev. Humanidades e Inovação**, v. 9, n.9, p. 337-351, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6125>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SOUZA, C.; PAIVA, I. L. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Norte, v. 17, n. 3, p. 353-360, set.-dez. 2012. Disponível em: [www.scielo.br/epsic](http://www.scielo.br/epsic). Acesso em: 21 mar. 2024.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein** (São Paulo) [online], v. 8, n. 1, pp. 102-106, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SPEAR, M. A.; KARSTEN, A.; WHITE, E. A. Restricted Interests and Autism: Further Assessment of Preferences for a Variety of Leisure Items. **Behavior Modification**, v. 42, n. 1, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28073293/> Acesso em: 18 mai. 2024.

STACEY, T.; FROUDE, E.; TROLLOR, J.; FOLEY, K. Leisure participation and satisfaction in autistic adults and neurotypical adults. **Autism**, v. 0, n. 0, p. 1-12,

2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30132680/> Acesso em: 20 mai. 2024.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS-TJDFT. **Psicofobia**. Seu preconceito causa sofrimento, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoes/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/psicofobia-seu-preconceito-causa-sofrimento#:~:text=O%20significado%20original%20do%20termo,com%20transtornos%20ou%20defici%C3%A3ncias%20mentais.> Acesso em: 17. ago. 2024.

WALKER, N.; RAYMAKER, D. M. Toward a neuroqueer future: an interview with Nick Walker. **Autism in adulthood**, v. 3, n. 1, 2021. DOI: 10.1089/aut.2020.29014.njw. Acesso em: 19 jul. 2021.

#### **Endereço da Autora:**

Jéssica Luisy Diniz Camilozi  
Endereço Eletrônico: [camilozijessica@gmail.com](mailto:camilozijessica@gmail.com)

Ana Cláudia Porfírio Couto  
Endereço Eletrônico: [acpcouto@gmail.com](mailto:acpcouto@gmail.com)